

GEORGES SIMENON O SANTINHO

RELÓGIO D'ÁGUA



Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Le Petit Saint © 1965 Georges Simenon, all rights reserved
O Santinho © 2017, all rights reserved
GEORGES SIMENON ®  **Simenon™**, all rights reserved

Título: O Santinho
Título original: *Le Petit Saint* (1965)
Autor: Georges Simenon
Tradução: Catarina Ferreira de Almeida
Revisão de texto: Rute Mota
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)

© Relógio D'Água Editores, janeiro de 2018

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-810-6

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Europress, Lda.
Depósito Legal n.º 435815/17

Georges Simenon

O Santinho

Tradução de
Catarina Ferreira de Almeida

Crime Imperfeito

Tinha quatro ou cinco anos quando o mundo ganhou vida à sua volta, quando tomou consciência de que, em seu redor, se representava uma cena real, interpretada por vários seres humanos que ele conseguia distinguir entre si e situar no espaço, num cenário particular. Mais tarde, não seria capaz de definir se acontecera no verão ou no inverno, ainda que, na altura, já fosse sensível à mudança das estações. O mais provável era que tivesse sido no outono, porque uma fina película de vapor embaciava a janela sem cortinado e a luz amarelada do bico de gás em frente, única a iluminar o quarto, lhe parecia húmida.

Teria dormido? Sentia o corpo quente por baixo do cobertor. Nenhum ruído invulgar o acordara em sobressalto. Ouvira tão-somente, por detrás da cortina, que não era mais do que um velho resto de lençol suspenso num varão, essa respiração ofegante que já lhe era familiar, entrecortada por gemidos e pelo esporádico rangido das molas da cama. Era a mãe dele quem ali dormia, quase sempre acompanhada. Depois, do mesmo lado do lençol onde ele se encontrava, esse lençol que fazia as vezes de um tabique, também estava Vladimir e, a seguir, Alice, os gémeos, ele próprio, cada um na sua enxerga de palha, e, por fim, encostada à parede, a bebé, no seu berço de ferro com grades.

Vladimir já era grande, tinha pelo menos onze anos e meio, senão mais. Alice devia ter nove, e os gémeos, ambos ruivos e com sardas por baixo dos olhos, teriam uns sete.

As enxergas de palha, encostadas umas às outras diretamente sobre o chão, cheiravam a feno bafiento. Havia outros odores dominantes, que eram os da habitação deles, do seu universo particular, a que se acrescentavam os odores da casa inteira e, quando se abria a janela, os odores que vinham da rua. Ele tinha aberto os olhos, não por curiosidade, mas porque estava acordado. Reconhecera os reflexos que o bico de gás projetava no teto e à transparência da cortina de separação. Ouvira vagamente a respiração ofegante e, aos poucos, distinguira a silhueta de Vladimir, de camisa, os joelhos apoiados na enxerga, espiando a cena por um buraco que havia no lençol.

Louis não ficou surpreso, ou curioso. Tudo aquilo lhe era familiar, como se já o tivesse vivido muitas vezes sem o saber. Só que, pela primeira vez, as imagens, os sons combinavam-se, formando um todo que possuía um sentido.

“Alice!”, sussurrara Vladimir, virando-se para a sua irmã.

“O que é?”

“Estás a dormir?”

“Quase.”

“Olha...”

Também ela tinha apenas a camisa sobre o corpo. Ninguém usava roupa de dormir e todos se deitavam, à noite, com a mesma camisa que usavam durante o dia.

“O quê?”

Vladimir chamou-a para a sua enxerga, e, de joelhos, ela espreitou também. Os gémeos não se mexiam, continuando a respirar de forma cadenciada. Émilie, a bebé de seis meses, ainda não contava, deitada no seu berço de grades onde os irmãos, por sua vez, já tinham dormido. Ele ouviu de novo a voz abafada, porém perceptível, de Vladimir, ordenando:

“Faz-me o mesmo.”

“E tu fazes-me o mesmo a mim, depois?”

Vladimir tinha-se deitado, com a camisa arregaçada acima do ventre.

“Cuidado com os dentes.”

Louis ficara tão pouco emocionado, tão pouco surpreso, que voltara a adormecer. Quando, pela segunda vez, emergira do

seu sono, Vladimir e Alice pareciam estar a dormir, os gémeos continuavam imóveis, mas o candeeiro de querosene estava aceso na cozinha cuja porta permanecia aberta. Dela libertava-se um odor a café regado de álcool. Duas pessoas conversavam em voz baixa.

Não se passava o mesmo em todas as habitações, todas as casas, todas as famílias?

A avó dele assinalara um dia:

“O Louis ainda mal sabe falar. Deve ser um pouco atrasado.”

Ele já não sabia quem fora que lhe tinha respondido:

“Talvez não pense menos do que os outros. São muitas vezes essas crianças as que mais observam.”

Ele não tomara atenção, porque não sabia o que isso significava, mas, por uma razão qualquer, as palavras tinham-lhe ficado gravadas na memória. Guardara outras, sobretudo imagens, porque, ainda que estivesse atrasado, não vivera até aos seus quatro anos sem nada ver do que existia à sua volta.

No entanto, era como se tivesse querido reduzir o mundo a um espaço tão restrito quanto possível.

“Se o deixássemos fazer o que quer, este miúdo nunca sairia de casa.”

Será que ele ouvira esta observação, ou ter-lhe-ia sido repetida mais tarde? Não é fácil distinguir o que realmente aconteceu num determinado momento do que nos foi contado depois.